

CULTURA EM VIGOTSKI¹: ENTRE O PAPEL DA CULTURA E AS DETERMINAÇÕES HISTÓRICOS-SOCIAIS DO PSIQUISMO NO CAPITALISMO.

Liária de Sousa Bezerra¹, Maria Núbia de Araújo², Francisco Glauber de Oliveira Paulino³

¹ Especialista em Alfabetização e Multiletramento do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da UECE, Pedagoga na Secretaria Estadual de Cultura do Estado do Ceará (SECULT), liariasousa@gmail.com

² Doutora e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE), Professora na Secretaria Municipal de Educação de Caucaia, Membro do Grupo de Estudos Pedagogia Histórico-Crítica, Coordenadora do Grupo de Estudos História, Educação e Pedagogia (GEHEPB), nubiadearaujo@yahoo.com.br

³ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Mestre em Educação pelo PPGE-UECE, Licenciado em Pedagogia pelo CED-UECE, Membro do Grupo de Estudos Pedagogia Histórico-Crítica, glauber.oliveira@ifce.edu.br

RESUMO

Este trabalho analisa a concepção de cultura na obra de Lev Vigotski, com ênfase em seu papel mediador na constituição do psiquismo humano. Fundamentada no materialismo histórico-dialético, a pesquisa busca transcender a perspectiva puramente instrumental da cultura, apreendendo-a como um complexo social fundado no trabalho e atravessado por dimensões ideológicas e contraditórias. Por meio de um diálogo crítico entre Vigotski (1991), Marx (2013), Bourdieu (2014), Saviani (2015), dentre outros discute-se como a mediação cultural no capitalismo deixa de ser neutra ao ser moldada por relações de classe, o que pode limitar ou alienar a apreensão da realidade. A análise evidencia que o desenvolvimento do pensamento e da consciência está intrinsecamente ligado às condições materiais de existência, situando a educação como espaço de disputa e resistência. Os resultados apontam para a necessidade de uma prática educativa crítica, capaz de promover a apropriação do patrimônio cultural universal como caminho para a superação da alienação e a formação humana omnilateral

Palavras-chave: Cultura. Educação. Vigotski. Materialismo Histórico-Dialético. Capitalismo

Introdução

Este trabalho busca compreender, a partir das contribuições de Lev Vigotski, a concepção de cultura em consonância com o materialismo histórico de Karl Marx e com a

¹ Sobre a escrita do nome Vigotski consultar a nota de rodapé N° 3 in DUARTE, Newton. Vigotski e “o aprender a aprender”, crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria da teoria vigotskiana. Campinas SP: Autores Associados, 2006.

Psicologia Histórico-Cultural, entendendo a cultura como um complexo social fundado no trabalho. Nessa perspectiva, considera-se que, ao transformar a natureza por meio da mediação de instrumentos materiais e simbólicos, o ser humano não apenas produz sua existência, mas também se constitui enquanto sujeito, desenvolvendo suas funções psicológicas superiores.

Para além dessas análises, partindo dessas contribuições e considerando as determinações histórico-sociais, compreende-se que, na sociedade capitalista, a cultura não é neutra nem surge espontaneamente. Ela é moldada pela forma como a economia se organiza e pelas relações sociais, especialmente no mundo do trabalho, produzindo valores, hábitos e formas de vida que, muitas vezes, enfraquecem ou apagam a cultura da classe trabalhadora e influenciam a constituição de seu psiquismo. Diante disso, essa classe necessita resistir para preservar sua identidade, seus costumes e seu modo de vida.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza bibliográfica, fundamentada na perspectiva crítico-dialética, na qual a análise dos objetos parte da concreticidade das relações sociais. Os referenciais teórico-metodológicos que sustentam este estudo incluem, entre outros, autores como Vigotski(1991), Duarte(2000), Martins(2011),Karl Marx(2013), Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron(2014), Saviani(2015), dentre outros.

A estrutura deste trabalho organiza-se em três partes: no primeiro capítulo, intitulado; *Fundamentos Teóricos da Cultura a partir do Trabalho: uma abordagem histórico-dialética*, busca-se compreender que, ao transformar a natureza, o ser humano produz o trabalho e, a partir dele, emergem outros complexos sociais, como a cultura e a própria educação.No segundo capítulo:*Caráter mediador da cultura na formação da mente a partir da Psicologia Histórico-Cultural de Lev Vigotski*, analisa-se o papel da cultura na constituição da subjetividade, evidenciando sua função mediadora nos processos psicológicos.No terceiro capítulo, *A constituição histórico-social do psiquismo na sociedade capitalista: cultura, ideologia e mediações na formação da consciência*, aprofunda-se a análise ao problematizar a cultura em sua dimensão contraditória, compreendendo-a não apenas como mediação do desenvolvimento humano, mas também como espaço atravessado por relações de poder, ideologia e reprodução social no contexto da sociedade capitalista bem como a contribuição da educação como instrumento de emancipação humana e por fim tem-se as considerações finais no qual traz-se um breve contexto do que fora discutido ao longo do texto.

1. Fundamentos Teóricos da Cultura a partir do Trabalho: Uma Abordagem Histórico-Dialética.

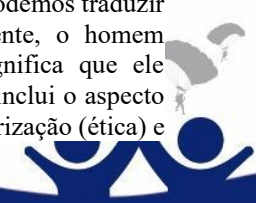
O trabalho, na perspectiva de Marx (2013), é a atividade fundamental que constitui o ser social. Para o materialismo histórico-dialético, a realidade social é resultado da ação humana. Trata-se de um processo de intercâmbio entre o ser humano e a natureza, por meio do qual esta é transformada para atender às necessidades humanas. Nesse movimento, o homem não apenas modifica o mundo natural, mas também transforma a si próprio, produzindo sua existência e desenvolvendo suas capacidades.

É nesse processo que se originam as produções materiais e simbólicas que constituem a cultura, entendida como expressão histórica da atividade humana e das formas de organização da vida social. Como afirma Dermeval Saviani (2015, p. 286): “Para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza, de forma ativa e intencional, os meios de sua subsistência. Ao fazer isso, inicia o processo de sua transformação, criando um mundo propriamente humano, o mundo da cultura.”

Embora Karl Marx não tenha produzido uma obra específica sobre cultura, sua análise da economia política oferece elementos fundamentais para sua compreensão. Nessa perspectiva, a cultura expressa tanto as condições materiais de existência quanto os valores, conhecimentos, práticas e formas de consciência produzidos historicamente. “A concepção de cultura que não entra em contradição com o marxismo e que é necessária por abarcar um conjunto de fenômenos no interior da sociedade que necessita ser abordada é a que a concebe como “conjunto das produções intelectuais.” (Viana, 2018, p.15)

A cultura está relacionada às condições concretas da existência e às relações sociais de produção em um dado momento histórico, abrangendo diferentes formas de elaboração e expressão de conhecimentos, valores e manifestações simbólicas. Nesse contexto, evidencia-se a centralidade dos espaços educativos na formação humana, uma vez que a educação tem como função a socialização dos saberes sistematizados acumulados ao longo do desenvolvimento histórico-social.

Assim, o processo de produção da existência humana implica, primeiramente, a garantia da sua subsistência material com a conseqüente produção, em escalas cada vez mais amplas e complexas, de bens materiais; tal processo nós podemos traduzir na rubrica “trabalho material”. Entretanto, para traduzir materialmente, o homem necessita antecipar em idéias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais. Essa representação inclui o aspecto de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e



de simbolização (arte). Tais aspectos, na medida em que são objetos de preocupação explícita e direta, abrem a perspectiva de uma outra categoria de produção que pode ser traduzida pela rubrica “trabalho não material”. Trata-se aqui da produção de conhecimentos, idéias, conceitos, valores, símbolos, atitudes, habilidades. Obviamente, a educação se situa nessa categoria do trabalho não material, importa, porém, distinguir, na produção não material, duas modalidades. (Saviani, 2015, p.286)

Percebe-se que a partir do trabalho emergem outros complexos sociais que, conforme assinala Lukács (2012), adquirem relativa autonomia e passam a possuir uma natureza própria. No entanto, não podemos desconsiderar que a sociedade se estrutura a partir de um determinado modelo econômico e desde a consolidação do modo de produção capitalista, este passa a exercer profundas implicações na vida social dos indivíduos, influenciando diretamente os processos de produção, circulação e apropriação da cultura.

Nesse sentido, cultura é um conceito universal, ou seja, existente em todas as sociedades humanas. Porém, assume distintas formas em sociedades diferentes. Em cada sociedade, há um modo de produção dominante específico e uma forma de cultura específica. A sociedade feudal possui o modo de produção feudal e a cultura feudal que lhe corresponde, bem como a sociedade escravista possui uma cultura escravista e a sociedade moderna uma cultura capitalista. Essa constatação nos remete para a discussão da relação entre sociedade e cultura, o que, por sua vez, nos leva a discutir uma das principais questões do materialismo histórico: a relação entre modo de produção e formas sociais. (Viana, 2018, p.16)

Há, portanto, uma relação de unidade e correspondência entre o modo de produção dominante e as formas culturais de uma determinada sociedade. Nesse sentido, o modo de produção capitalista não apenas organiza a economia, mas também engendra formas culturais e instituições estatais correspondentes aos interesses da classe dominante.

2: Caráter mediador da cultura na formação da mente a partir da Psicologia-histórico Cultural de Lev Vigotski.

A Psicologia Histórico-Cultural propõe uma nova concepção do psiquismo e da ciência da psicologia, fundamentada nos marcos metodológicos do materialismo histórico-dialético marxista, com o objetivo de promover a investigação científica. Vigotski apropria-se da lógica do conhecimento dialético, que se baseia na historicidade e na materialidade, indo além da simples descrição da realidade aparente dos fatos, empenhando-se em uma compreensão que avance em direção a uma explicação científica da realidade.

Vigotski, conforme esclarece Pasqualini (2006), busca, portanto, no marxismo um método que possibilite a construção de uma ciência capaz de analisar o psiquismo humano. Para esse teórico, toda nova abordagem dos problemas científicos está intrinsecamente ligada à busca por novos métodos e técnicas de pesquisa.

O autor defende que o método e o objeto de investigação mantêm uma relação muito estreita, na medida em que o método deve ser adequado ao objeto que se estuda. Nesse sentido, o estudo dos processos psíquicos superiores especificamente humanos, que constituíam por excelência o objeto de estudo da psicologia na perspectiva vigotskiana, exigia a formulação de um método de investigação próprio. As bases desse método de investigação seriam buscadas nos princípios do método dialético. (Pasqualini, 2006.p.71)

O método Materialista Histórico-Dialético, portanto, proposto por Marx, realmente destaca a importância da prática em conjunto com a teoria. Ele busca entender como as estruturas sociais se desenvolvem ao longo da história, enfatizando a interação entre o sujeito e o objeto. Essa abordagem dialética permite que o conhecimento seja construído através das ações e das relações sociais, revelando as leis fundamentais que regem as organizações sociais. É uma forma de análise que nos ajuda a compreender as dinâmicas históricas e sociais de maneira mais profunda. “A construção da psicologia marxista era vista por Vigotski não como o surgimento de mais uma entre as correntes da psicologia, mas sim como o processo de construção de uma psicologia verdadeiramente científica.” (Duarte, 2000, p.80).

Conforme explicita Newton Duarte (2000) e em consonância com a teoria de Lev Vigotski, o desenvolvimento do indivíduo depende da apropriação dos produtos culturais, sejam eles materiais ou imateriais. Tal processo de apropriação é mediado pelo uso de instrumentos, signos e, sobretudo, pela interação com outros sujeitos em um determinado contexto histórico-social.

Nessa perspectiva, não se trata de uma história abstrata, mas das formas específicas de organização cultural que estruturam o funcionamento psicológico. A cultura, ao mediar a subjetividade, permite a superação de limitações biológicas por meio de instrumentos e signos que promovem saltos qualitativos no desenvolvimento humano. Assim, as concepções de Vigotski sobre o psiquismo humano fundamentam-se na compreensão de que as funções psicológicas superiores não são inatas, mas constituídas historicamente nas relações sociais.

Na concepção vigotskiana, a cultura objetiva-se nos signos ou instrumentos culturais, dispostos sob a forma de instrumento cultural material e instrumento psicológico, como é o caso da linguagem. Pautado nesse processo, ou seja, no trabalho transformador da natureza e do próprio homem, Vigotski toma a cultura como eixo central no desenvolvimento do ser humano. (Martins, 2011.p.348)

A mediação refere-se ao elemento que se interpõe entre o sujeito e o objeto. Segundo Vigotski, a relação entre o homem e o mundo é sempre mediada por instrumentos e signos. Os primeiros são ferramentas materiais que transformam a realidade externa, enquanto os signos constituem mediações simbólicas que atuam sobre os processos psíquicos, reorganizando o pensamento e as funções psicológicas superiores. Como afirma o autor: “O uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura” (Vigotski, 1991, p. 30).

Essas considerações são fundamentais para apreender o caráter constitutivo da cultura no desenvolvimento humano e evidenciar que as formas culturais, gestadas sob a égide do capital, exercem influência decisiva na subjetividade. Para compreender a gênese do psiquismo nesse contexto, é preciso partir da premissa de que a consciência não constitui um reflexo passivo do real, mas uma síntese mediada pelas condições concretas de existência. Se a cultura é o eixo do desenvolvimento psíquico, na sociedade de classes ela se converte no terreno em que operam contradições estruturais e interesses antagônicos.

3 A constituição histórico-social do psiquismo na sociedade capitalista: cultura, ideologia e mediações na formação da consciência

Torna-se fundamental compreender que o psiquismo humano se constitui no interior de uma realidade social e histórica concreta. Nesse sentido, a consciência revela-se como um processo de apreensão das relações que estruturam os fenômenos, tendo o pensamento como elemento central na organização e inteligibilidade do real. Contudo, tal pensamento não emerge de forma espontânea; suas formas mais complexas resultam de um processo histórico mediado pela cultura e pela educação. Como afirma Martins (2016, p. 678), “o conteúdo da consciência é dado pelo significado da palavra”, evidenciando que a consciência não é imediata, mas construída por mediações simbólicas que permitem ao sujeito ultrapassar a aparência dos fenômenos.”

Essa mediação não ocorre em um plano neutro. No capitalismo, as relações baseadas na exploração de classe e na divisão social do trabalho configuram as condições objetivas de existência. Tais condições não se refletem diretamente na consciência, sendo atravessadas por mediações como linguagem e ideologia. Nesse processo, a cultura dominante tende a

expressar os interesses das classes hegemônicas. Como observam Bourdieu e Passeron (2014), o arbitrário cultural dominante é aquele que melhor exprime os interesses dos grupos dominantes:

numa formação social determinada, o arbitrário cultural que as relações de força entre os grupos ou classes constitutivas dessa formação social colocam em posição dominante no sistema dos arbitrários culturais é aquele que exprime o mais completamente, ainda que sempre de maneira mediata, os interesses objetivos dos grupos ou classes dominantes” (Bourdieu; Passeron, 2014, p. 30)

Assim, o psiquismo é um produto histórico-social. As análises de Vigotski e Luria (1996) reforçam que o desenvolvimento psíquico está vinculado às formas de atividade social. Portanto, pensar em atividades educativas emancipadoras, conforme explica Tonet (2005), exige dos indivíduos determinados requisitos para enfrentar a organização atual da escola, tais como

1) Conhecimento acerca do fim a ser atingido (a emancipação humana); 2) Apropriação do conhecimento acerca do processo histórico e, especificamente, da sociedade capitalista; 3) Conhecimento da natureza específica da educação; 4) Domínio dos conteúdos específicos a serem ensinados; 5) Articulação das atividades educativas com as lutas, tanto específicas como gerais, de todos os trabalhadores. como bem ressalta (Tonet, 2005, p.1)

O conhecimento é uma aproximação da realidade pela consciência. Sendo o trabalho a raiz ontológica do ser social, ele implica a apropriação de habilidades e valores construídos historicamente. Como destaca Leontiev (apud Tonet, 2005, p. 136), as aptidões humanas não são dadas biologicamente, mas postas nos fenômenos da cultura. Para apropriar-se delas, o ser humano deve entrar em relação com o mundo por meio de outros homens, em um processo que é, essencialmente, educativo.

Sendo o trabalho a raiz ontológica do ser social e, por sua natureza, uma atividade essencialmente social, ele implica a apropriação, pelos indivíduos, de habilidades, conhecimentos, valores, comportamentos e objetivos construídos historicamente no interior de determinado grupo social. Esses elementos são incorporados pelos sujeitos no processo de socialização, constituindo-se como patrimônio do gênero humano e sendo orientados pela consciência. Como destaca Leontiev (apud Tonet, 2005, p.136)

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarna, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles suas aptidões, ‘os órgãos da sua individualidade,’ a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança aprende a atividade adequada. Pela sua função, este processo é, portanto, um processo de educação.

Para tanto, considera-se, conforme as contribuições de Vigotski (1991), que o pensamento não nasce pronto. Como as demais funções psíquicas superiores, ele não é um dado biológico, mas uma conquista cultural. Ao nascermos, não dispomos automaticamente dos patamares de desenvolvimento intelectual que a humanidade produziu historicamente; o pensamento forma-se e transforma-se dialeticamente, mediado pelas condições concretas de vida e educação. Esse processo permite ao sujeito conquistar, gradativamente, maior amplitude e fidedignidade na apreensão do real. Nesse sentido, a escolarização consolida-se como um percurso intencional de promoção dessas transformações qualitativas na estrutura do pensamento.

Neste contexto, é imperativo salientar de que modo a educação escolar opera transformações no psiquismo. Daí a necessidade de uma perspectiva educacional crítica: torna-se fundamental definir em que direção esse pensamento está sendo transformado. Todo ato educativo implica, necessariamente, uma tomada de decisão ética e política, visto que não é possível conceber uma educação escolar que não esteja comprometida com um determinado projeto de ser humano e de sociedade.

Essas atividades permitem o acesso ao patrimônio cultural humano, possibilitando aos sujeitos compreender que a realidade social é histórica e constituída pela atividade humana. Autores como Gramsci (1982) e Nosella (2010) corroboram essa visão ao destacarem que o saber deve ser articulado à realidade concreta e à formação crítica das classes subalternas.

Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, analisou-se a concepção de cultura em Vigotski, articulando-a ao materialismo histórico-dialético e às determinações sociais do capitalismo na constituição do psiquismo humano. Partiu-se da compreensão de que o psiquismo é histórico-social, sendo produzido nas relações concretas de trabalho, cultura e educação.

Nesse percurso, evidenciou-se que o trabalho constitui a base ontológica do ser social, sendo o ponto de origem da cultura, da educação e das demais formas de mediação da existência humana. A cultura, nesse sentido, não se reduz a um conjunto neutro de práticas e valores, mas expressa relações sociais historicamente determinadas, assumindo formas específicas em cada modo de produção. No capitalismo, essas formas culturais estão atravessadas por contradições, interesses de classe e processos de reprodução ideológica, influenciando diretamente a formação da consciência.

O diálogo com autores como Marx, Saviani, Duarte, Martins, Bourdieu e Tonet permitiu aprofundar a compreensão de que a formação humana não pode ser pensada à margem das relações materiais que a sustentam. A cultura e a educação, embora fundamentais no processo de humanização, também podem atuar como mecanismos de reprodução social, ao mesmo tempo em que abrem possibilidades de resistência e emancipação humana.

Conclui-se, portanto, que a constituição do psiquismo humano é o resultado de um processo histórico, social e contraditório, no qual cultura, ideologia e mediação desempenham papéis centrais. Assim, reforça-se a necessidade de uma análise crítica da cultura no interior do capitalismo, bem como da defesa de uma educação comprometida com a formação humana omnilateral e com a emancipação dos sujeitos sociais.

Referências

- BORJA, Bruno. O capital e a cultura: elementos de economia política da cultura em Marx. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, n. 56, p. 83–108, maio/ago. 2020.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DUARTE, Newton. **A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 21, n. 71, p. 79–115, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982.
- MARTINS, Lígia Márcia. A dinâmica consciente/inconsciente à luz da psicologia histórico-cultural. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 11, n. 2, p. 679–689, 2016. Disponível em: [link do artigo]. Acesso em: 13 abr. 2026.
- MARTINS, Lígia Márcia; RABATINI, Vanessa Gertrudes. A concepção de cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. **Psicologia Política**, v. 11, n. 22, p. 345–358, jul./dez. 2011. Disponível em: [link do artigo]. Acesso em: 8 abr. 2026.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política**. Tradução de Mario Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.
- NOSELLA, Paolo. A escola de Gramsci. São Paulo: Cortez, 2010a.
- PASQUALINI, Juliana Campregher. **A teoria histórico-cultural e o desenvolvimento do psiquismo humano: implicações para a educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2006.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 45. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2024.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286–293, jun. 2015. Disponível em: [link do artigo]. Acesso em: 6 abr. 2026.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. Disponível em: [link do PDF]. Acesso em: 13 abr. 2026.

TONET, Ivo; LESSA, Sérgio. **Introdução à filosofia de Marx**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

VIANA, Nildo. Marxismo e cultura. **Revista Praxis Comunal**, v. 1, n. 1, p. 5-30, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/praxiscomunal/article/view/11948>. Acesso em: 14 abr. 2026.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKI, Lev Semionovich; LURIA, Aleksandr Romanovich. **Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança**. São Paulo: Artes Médicas, 1996.

